

Allegro ma non troppo

Todos os anos os principais economistas brasileiros se reúnem por três dias com sociólogos, cientistas políticos, antropólogos, historiadores, mais alguns políticos, militares, jornalistas e líderes sindicais no Fórum Nacional. É a festa da inteligência nacional, organizada por João Paulo Reis Velloso com o apoio de empresas privadas e estatais. O resultado é a maior e mais sofisticada massa de informações sobre a conjuntura do País que se pode obter em um só lugar. Transformados em livros, esses trabalhos, e os debates que provocam de improviso, tornam-se, mais tarde, referências permanentes.

O Fórum Nacional deste ano encerra-se hoje na sede do BNDES, no Rio de Janeiro. Por lá passaram o ministro da Fazenda, Rubens Ricúpero, e o da Indústria e Comércio, Êlcio Álvares, além de uma enfiada de ex-ministros e presidentes do Banco Central. Todas as correntes de pensamento econômico estiveram presentes e os seus expoentes expuseram as suas teses.

Luciano Coutinho, um dos gurus do PMDB, explicou longamente os resultados de uma vasta pesquisa sobre a competitividade da indústria nacional e as recomendações a que chegou a sua equipe da Universidade de Campinas. Eduardo Suplicy, usando o chapéu de professor da Fundação Getúlio Vargas de preferência ao de senador pelo PT, relatou os avanços do seu projeto de estabelecer um piso mínimo de renda para todos os brasileiros. Paulo Haddad, um dos tucanos de carteirinha presentes, apresentou um douto estudo sobre a formação de novos pólos regionais de desenvolvimento, com um enfoque especial adivinhem onde? No Ceará, claro. Elementar, meu caro Watson.

Sérgio Abranches, cientista político especialista em análises estratégicas, deu a partida às discussões apresentando cenários. O que corresponde à conjugação do fracasso do plano econômico com a manutenção do impasse congressional é catastrófico. O cenário otimista, sucesso do plano, mais um acordo congressional, levaria o País a um novo ciclo de desenvol-

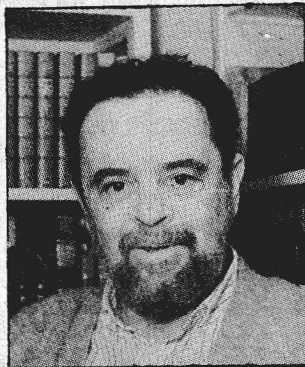
vimento. O cenário intermediário, com sucesso no plano econômico e impasse no político, conduziria ao que chamou de crise temporária, seguida de um avanço desordenado que batizou de *mudling through*.

A maioria dos presentes concordou com essas premissas. Os economistas, que continuam no centro do palco, foram quase unânimes em considerar o plano da estabilização cuidadosamente elaborado, mas todos eles colocaram tantas dúvidas que passaram uma impressão de ceticismo.

Afonso Celso Pastore, que falou no mais puro economês, aproximou-se dos heterodoxos do PSDB pelo reconhecimento do caráter inercial da inflação brasileira. Mas, como conhece a teoria

monetarista melhor que os outros, detectou uma série de arapucas que podem destruir a eficácia do projeto: a forma de lastrear a moeda, de controlar a entrada de capitais especulativos, de restringir o crédito ao consumidor, de estabelecer os juros na nova moeda, de lidar com o déficit público. Declarou que, "se por alguma razão tornar-se dominante a expectativa de que a inflação crescerá, esta se transformará em uma profecia auto-realizável". Antônio de Barros Castro, que fez um estudo comparativo com a Argentina, reclamou controles para as importações e assinalou o perigo de investimentos mal planejados na indústria a "automação frívola", com uma desnecessária queda no nível de empregos. Pediu, ainda, a adoção por parte do governo de políticas ativas, ou seja, de uma política industrial, uma política agrícola, uma política de incentivo à pesquisa tecnológica etc. Profetizou: "Se políticas voltadas para o mundo real não forem desde cedo postas em prática, elas chegarão de improviso, o que, além de não fornecer as melhores respostas, compromete a própria estabilidade no segundo tempo do jogo."

Em conclusão: a superelite intelectual está apoiando o plano, mas com um pé atrás. Allegro, ma non troppo.



■ Márcio Moreira Alves é jornalista

**Os economistas
elogiaram o
plano, mas
passaram uma
impressão de
ceticismo**